

Fleischer, Soraya (2023). Na cozinha da Antropologia. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.

Maynara Costa de Oliveira Silva

Professora Adjunta/Universidade Federal do Maranhão

<https://orcid.org/0000-0002-3001-1486>

maynara.costa@ufma.br

Como, onde e com que/quem uma antropóloga pode trabalhar? A resposta para essa pergunta está no livro “Na cozinha da antropologia” (2023) de Soraya Fleischer, publicado pela editora Papéis Selvagens. Nesse livro, a autora propõe um deslocamento epistemológico ao privilegiar os fazeres dos cotidianos e antropológicos em detrimento de seus produtos. Ao mobilizar a metáfora “Na cozinha da antropologia”, Soraya lança luz sobre o caráter artesanal, contingente e situado da produção do conhecimento. A autora compara as etapas do fazer antropológico com práticas culinárias: a escolha do tema como a escolha dos ingredientes, o trabalho de campo como preparo, os registros como receitas que são feitas e desfeitas, e os textos finais como pratos servidos, em diversas formas de apresentação. Essa analogia constitui uma estratégia escolhida pela autora para evidenciar dimensões frequentemente invisibilizadas no cotidiano e nos bastidores de quem vive a antropologia, como as hesitações, improvisações e afetos envolvidos no processo investigativo.

O livro está dividido em cinco partes, com 15 capítulos, que poderiam ser lidos de forma livre, cabendo à leitora fazer sua própria curadoria de acordo com o conteúdo que deseja saborear primeiro. Apesar de poderem ser lidos de forma independente, Soraya Fleischer sugere duas formas de leituras: poderia se escolher ler os capítulos a partir de uma ordem cronológica, de acordo com a data em que foram produzidos e publicados; ou mesmo direcionar a escolha de acordo com o escopo da pesquisa. Mas, alerta, no primeiro caso existe frequentemente um lapso temporal entre o tempo da escrita e da publicação. Já no segundo, existe uma polifonia nas formas de publicar uma única pesquisa.

Na “Parte 1- Caminhar”, a autora aciona dois textos, em formato de entrevista, que descrevem com riqueza de detalhes suas trajetórias e percursos acadêmicos, passando pela sua vivência enquanto estudante de artes plásticas e ciências sociais na Universidade de Brasília (UnB) à escolha da docência.

O primeiro capítulo, “Trajetória e percursos”, escrito por Rosa *et al.* (2015), publicado na revista *Percursos*, trata-se de uma entrevista concedida por Soraya Fleischer. Enquanto o segundo, “A escolha da docência”, escrito por Nathália Ubialli (2019), foi publicado na revista *Ponto Urbe*.

Soraya é brasiliense, nasceu, estudou, trabalha e vive a atmosfera do Distrito Federal, que corre em suas veias. Fez apenas um vestibular em sua vida, apesar de vir a cursar duas graduações. Iniciou sua trajetória acadêmica no curso de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UnB. Desafiando os colegas do ensino médio, que aderiram às engenharias, ao direito e à medicina, ela seguiu seu interesse de ainda menina: desenhar, pintar e criar. Fez “plásticas” por dois anos até perceber que “não tinha esse talento todo” (será mesmo?!); a arte, segundo sua representação na época, era para os eleitos pela natureza, se nascia artista, mas não se transformava em um. Concepção que, hoje, ela já não tem. Em meio à “crise de meio de curso” e conversas com sua família de acadêmicos, ela resolveu tirar um semestre para cursar disciplinas introdutórias em vários cursos.

E foi no interior desse sistema de disciplinas que (des)estruturava sua formação que ela se viu capturada, ou, em termos mais próximos a Claude Lévi-Strauss, simbolicamente “enfeitiçada”, pela antropologia. Soraya realizou uma transferência interna para o curso de Ciências Sociais (bacharelado). E ainda na graduação, foi capturada pela antropologia da saúde. A partir das idas à campo para sua monografia, percebeu que as temáticas relacionadas a esse Campo a permitia observar e entender como a doença é um momento crítico na vida das pessoas, e que por meio das suas pesquisas poderia exercer seu comprometimento político e não apenas falar “antropologuês”.

No mestrado, passou três meses em Harvard (EUA), convivendo com 41 brasileiras que atuavam como *house cleaners*. Já em 2000, trabalhou como antropóloga em ONGs, como o Grupo Curumim de Gestação e Parto (Recife/PE). Ingressou no doutorado (PPGA/UFRGS) em 2003, concluído em 2007, ano em que foi aprovada em dois concursos na UnB. Desde então, iniciou suas idas à Ceilândia, seu “metrô antropológico”.

A “Parte 2 – Professorar”, é composta por três capítulos, que buscam destacar os desafios na prática docente de perto e por dentro, e como a criatividade e a curiosidade são ingredientes necessários na “cozinha da pesquisa”.

O capítulo 3, “Ensaio à la Nacirema: relato de uma experiência docente em antropologia”, escrito por Fleischer *et al.* (2014), foi publicado na revista *Café com Sociologia*. Como é recorrente no ensino de conceitos como relativismo, etnocentrismo e alteridade, mobiliza o clássico “O ritual do corpo entre os Nacirema” (1956), de Horace Miner, que descreve de forma distanciada os hábitos da sociedade “Americana”. A partir dessa leitura, as professoras propuseram a produção de um “ensaio à la Nacirema”, em três páginas, como exercício de experimentação etnográfica aos discentes, estimulando o estranhamento de práticas naturalizadas. Ela indica que esse experimento não é invenção sua, já foi proposto por outras professoras, como Van der Geest em Amsterdã, que propôs o “exercício mineriano”, que consiste em “um atalho para autoconsciência cultural ao relativismo” (der Geest, 2010, p. 1).

Já o capítulo 4, “Na cozinha da pesquisa: relato de experiência na disciplina Métodos e Técnicas em Antropologia Social”, escrito por Fabiane Gama e Soraya Fleischer (2016), foi publicado no *Cadernos de Arte e Antropologia*. Apresenta os resultados de uma experimentação didática voltada à reflexão sobre a prática docente em antropologia. A disciplina combinou atividades em sala e fora dela, sendo conduzida pelos estudantes e concebida como uma “cozinha da pesquisa”, marcada por experimentações empíricas. Foram realizados seis tipos de aula: leitura e discussão de textos e monografias de egressas do Departamento de Antropologia, contribuindo para concretizar e “desierarquizar” o conhecimento; participação em seminários; oficinas de desenho, fotografia e vídeo; saídas de campo na área comercial próxima ao campus Darcy Ribeiro; e debates sobre poder, cuidado e escrita do diário de campo, enfatizando a regularidade dos registros e a reflexão contínua sobre o campo.

O capítulo 5, “Onde uma antropóloga pode trabalhar? Relato de uma disciplina de graduação sobre antropologia e mercado de trabalho” (2017), escrito por Fleischer, foi publicado originalmente na revista *Áltera*. O texto foi produzido a partir da disciplina “Antropologia e Mercado de Trabalho”. O curso se organizava em quatro etapas: leitura e discussão de textos; análise de seus produtos; visita aos seus locais de trabalho; e, por fim, elaboração de um exercício escrito a partir das leituras e da experiência de campo. A autora escolheu os seguintes cenários: 1) “Estado”; 2) “Consultoria independente”; 3) “ONGs, movimentos sociais e voluntariado”; 4) “Ensino fundamental, médio e superior (público e privado)”; 5) “Organismos internacionais”; e 6) “Documentário, desenhos, acervos e mostras fotográficas”.

Na parte 3, “Pesquisar”, a autora revela que de Ceilândia ao Recife, de trem ou de avião, a receita de uma boa etnografia é sempre adaptada de acordo com o lugar, as interlocutoras e o objeto de pesquisa, mas o olhar, o ouvir, e o escrever ainda são elementos necessários na pesquisa antropológica.

O capítulo 6, “Destino Ceilândia: os caminhos da construção de uma pesquisa antropológica sobre pressão alta” (2018), escrito por Soraya, integra o livro “Descontrolada: uma etnografia dos problemas de pressão”. Neste capítulo a autora reconstrói seu percurso de pesquisa sobre “hipertensão arterial sensível” (HAS), enfatiza as escolhas teóricas, metodológicas e éticas, e mostra pouco a pouco como foi sendo “cozido” o recorte da pesquisa. Enfatiza, no texto, a centralidade de uma escuta atenta, de uma convivência prolongada e de uma compreensão antropológica de que pesquisar pressão alta não é só pesquisar uma doença e seus sintomas, mas também compreender as formas de cuidado, o sofrimento e o medo, além das formas criativas de resistência.

O capítulo 7, “Em Brasília, mas em Recife: atravessamentos tecnometodológicos em saúde, gênero e maternidades numa pesquisa sobre as repercussões da epidemia do vírus Zika” (2020), foi escrito por Rosamaria Carneiro e Soraya Fleischer na revista *Saúde e Sociedade*. As autoras escrevem a partir dos deslocamentos realizados entre Brasília e Recife, e dos “atravessamentos tecnometodológicos” que marcam o trabalho de campo coletivo. Esses atravessamentos envolvem tanto a mediação pela tecnologia quanto as condições éticas desse contexto. As autoras destacam limites metodológicos, pois o “zap” permite contato, mas impede captar gestos e expressões corporais. Assim, a antropóloga compreende, nos termos de Geertz (2009), “o que pensam” e “o que dizem que fazem os nativos”, mas não observa diretamente “o que fazem”. Por isso, exige-se um “campo estendido”, articulando o virtual e o presencial.

Já o capítulo 8, “A pesquisa coletiva na antropologia” (2017), é uma entrevista com Silvana Nascimento, publicada na revista *Mundaú*. O eixo central da conversa são as experiências de pesquisa colaborativa, a construção compartilhada de dados e análises, bem como as dimensões éticas e políticas envolvidas em etnografias coletivas. A entrevistada destaca que o trabalho em equipe é um “ingrediente” importante na ampliação de perspectivas teóricas e metodológicas, sobretudo quando há valorização de processos horizontais de decisão sobre a pesquisa. Desse modo, o capítulo tenciona noções de autoria, autoridade e responsabilidade na escrita etnográfica coletiva.

Na parte 4, “Escrever”, a autora retoma um debate corriqueiro nos corredores dos cursos de ciências no país: os desafios de escrever durante o curso de graduação em antropologia, além de apontar os desafios éticos e metodológicos na devolução de dados às suas interlocutoras.

O capítulo 9, “Quais são os desafios ao escrever durante o curso de graduação em antropologia?” (2015), foi escrito por Ana Clara Damásio e publicado na revista *Textos Graduados*. Na conversa, Damásio problematiza as dificuldades enfrentadas por graduandos durante o processo de escrita antropológica, trazendo como eixos condutores de suas perguntas as tensões entre experiência etnográfica e formalização teórica. Nesse diálogo, são discutidos os impasses relacionados à construção da autoria, à articulação entre descrição e análise, e ao manejo adequado das referências bibliográficas. Logo, Soraya, a partir das provocações, evidencia como a escrita é parte constitutiva da formação antropológica, e não mero instrumento de avaliação durante o curso.

Já o capítulo 10, “Autoria, subjetividade e poder: devolução de dados de um centro de saúde de Guariroba (Ceilândia/DF)” (2015), foi escrito por Soraya Fleischer e publicado na revista *Ciência e Saúde*. Nesse texto, a autora propõe um debate acerca das relações de poder e autoria que permeiam a produção de pesquisas antropológicas, desde o momento da escolha do objeto, a escrita do projeto até após a conclusão “aparente” da pesquisa. Soraya revisita o percurso de pesquisas e projetos de extensão realizados entre 2008 e 2014 em um centro de saúde de Ceilândia, problematizando a autoridade sobre as narrativas produzidas. De modo que a autora problematiza quem detém a autoridade sobre as narrativas construídas na pesquisa – isso porque, a partir da estratégia ética de devolução dos dados e exposição das transcrições das entrevistas, criou-se uma etapa de negociação, em que os textos eram remodelados, reescritos e suprimidos de acordo com a autorização dessas.

O capítulo 11, “Orientação para transgressão” (2018), trata-se de uma entrevista com Soraya Fleischer concedida a Maíra Moraes Vitorino no contexto de uma oficina de escrita etnográfica ofertada na UnB, publicada no livro “De mãos dadas: uma reflexão sobre orientações na pesquisa em comunicação”. A entrevista discute os processos que constroem a orientação acadêmica como espaço de criação, escuta e experimentação. Fleischer defende a construção de uma relação mais horizontal entre orientadora e orientanda, ou seja, propõe uma “transgressão” dos modelos tradicionais. O diálogo revela a orientação como processo formativo que vai além da técnica, envolvendo dimensões éticas, afetivas e políticas. A autora destaca, ainda, a inexistência de um único modo de produção, especialmente diante do baixo investimento em pesquisa e da pressão produtivista das avaliações da CAPES.

Na Parte 5, “Publicar”, a autora busca ensinar detalhadamente como organizar, publicar, divulgar e distribuir produções científicas na antropologia. O primeiro capítulo dessa seção é o 12, “As aventuras de um livro: uma cronologia comentada da produção

de uma coletânea de antropologia” (2013), escrito por Soraya Fleischer e publicado na revista *Latitude*. Ao longo do capítulo, a autora revela como era/é estruturado o campo editorial, quais estratégias podem ser acionadas para captar recursos para a produção de livros, quais caminhos devem ser seguidos até a publicação e os cuidados que devem ser tomados após a publicação. O texto, baseado na organização de uma coletânea em 2006, destaca um contexto com menos editoras no Brasil, e custos mais elevados. O texto contribui para desmistificar a publicação como etapa meramente técnica, apresentando-a como processo coletivo, político e atravessado por disputas no campo científico.

Já o capítulo 13, “O campo editorial na antropologia”, uma entrevista conduzida por Soraya Fleischer tendo como entrevistado Igor Machado, foi publicado na revista *Textos Graduados* (2017). Ao longo da conversa, Machado descreve as disputas e transformações do mercado editorial acadêmico, sobretudo a partir da sua experiência em editoras universitárias. Além disso, descreve os critérios de avaliação, os desafios da circulação do conhecimento e as tensões entre produção intelectual e exigências/necessidades institucionais.

O capítulo 14, “Micro: uma coletânea como resultado de uma pesquisa coletiva” (2020), escrito por Soraya Fleischer, foi publicado no livro “Micro: contribuições antropológicas”. No texto, a autora busca retomar o debate iniciado na Parte 3 deste livro. Se lá discorre sobre o fazer pesquisas coletivas, aqui ela evidencia os bastidores da construção de uma coletânea, evidenciando os processos colaborativos que sustentaram sua elaboração. A autora busca destacar a articulação entre diferentes pesquisadoras/es, perspectivas teóricas e experiências de campo, compondo um mosaico analítico sobre o “micro” como escala etnográfica e política.

O capítulo 15, “O podcast Mundaréu como uma experiência de antropologia publica”, foi escrito por Soraya Fleischer e Daniela Tonelli Manica. As autoras desafiam a leitora a pensar outras formas de divulgação científica para além das formas tradicionais. Problematizam os modos de produção e circulação do conhecimento antropológico, incluindo formas contemporâneas como *podcasts* e outras mídias, ampliando o escopo da disciplina para além do texto acadêmico tradicional, como artigos em periódicos ou livros. Nesse sentido, esse capítulo dialoga com as tendências recentes que buscam democratizar e diversificar as formas de divulgação científica. Ou seja, lugar de falar “junto” ou “compartilhado”, o *podcast* Mundaréu propõe uma nova estratégia, que é o falar “com”. Esse novo modelo é uma forma de esperar o modo pelo qual a antropologia existe e opera no mundo.

Em síntese, trata-se de um livro que convida a leitora não apenas a compreender a antropologia, mas a vivenciá-la, como quem entra em uma cozinha da avó, como indica Luciana Hartmann, experimenta, erra, aprende e, finalmente, compartilha o resultado de seu trabalho. Soraya Fleischer narra sem rodeios as dores e as delícias de se ser antropóloga.

Uso de Inteligência Artificial

Não foram utilizadas ferramentas de IAG nesta resenha.

Referências

Geertz, Clifford (2009). *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

Van der Geest, Sjaak (2010). "Nacirema essay". Amsterdam : Masters in Medical. *Anthropology Newsletter*, 3, 9p.

Recebido em 02 de março de 2026.

Aceito em 14 de abril de 2026.